

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Cinema e Audiovisual



Trabalho de Conclusão de Curso

A imagem além do real: o simulacro superando a realidade nas manifestações brasileiras de junho de 2013.

Caio Moreto Mazzilli

V.1

Pelotas, 2014

Caio Moreto Mazzilli

A imagem além do real: o simulacro superando a realidade nas manifestações populares
brasileiras de Junho de 2013.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção de título de
Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Claudia Turra Magni

v.1

Pelotas, 2014

Caio Moreto Mazzilli

Título:

A imagem além do real: o simulacro superando a realidade nas manifestações brasileiras de
Junho de 2013.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado,
como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual,

Centro de Artes – C.A,
Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 05 de Dezembro de 2014

Banca examinadora:

Prof. Dr. Claudia Turra Magni (Orientador)

Doutor em pela Universidade.....

Prof. Dr. João Carlos Machado

Doutor em pela Universidade.....

Prof. Dr. Guilherme Carvalho da Rosa

Doutor empela Universidade.....

Agradecimentos

À minha orientadora e amiga Claudia Turra Magni, pela disposição, paciência, crença e carinho em me auxiliar em mais uma etapa de minha formação, e que em poucos anos desdobrou-me em algumas décadas. Não fui fácil.

Ao Guilherme da Rosa e Chico Machado, por me mostrarem caminhos na imagem que me deram a certeza sobre a máxima de que “nada deve parecer impossível de mudar”; seja na arte, seja na vida.

À família, cujo “bebê de Rosemary” Moreto Mazzilli pôde livrar-se da alcunha de Polanski para poder fazer filmes como ele. E a Bruno Mazzilli, cuja arte crua inspirou-me a trilhar esse caminho de profunda e deliciosa queda livre.

Aos amigos, com quem acredito ter aprendido o mesmo tanto que aprendi com os citados a cima. E, talvez, com mais periculosidade apenas.

E a Mauro Mazzilli, *in memoriam*, cujo mundo imaginado pelo John, ele também atingiu.

Como nos filmes.

Resumo

MAZZILLI, Caio Moreto. **A imagem além do real:** o simulacro superando a realidade nas manifestações brasileiras de Junho de 2013. 2014. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado de Cinema e Audiovisual, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

Este artigo visa obter um panorama acerca da relação da imagem com nossa sociedade atual, à partir da análise de vídeos feitos por mídia alternativa e pessoal em contraponto à mídia convencional nas contestações populares de caráter social que pulularam pelo mundo, e aqui, precisamente nas conhecidas Manifestações de Junho de 2013, ocorridas em todo o Brasil. Pretende-se examinar por esses casos como a imagem, no caso, o vídeo vem influenciando no dia a dia do cidadão pós-moderno e tecnológico. Num mundo onde pessoas passam a maior partes de seus dias olhando para seus *smartphones*, *tablets* e computadores, essa pesquisa vem analisar esse tipo de relação em que o simulacro vem superando a realidade.

Palavras-chave: sociedade pós-moderna; espetáculo; simulacro; manifestações; junho de 2013; tecnologia;

Abstract

MAZZILLI, Caio Moreto. **The image beyond reality:** the simulacrum overcoming reality on June 2013 brazilian riots. Final paper – Degree for Cinema e Audiovisual, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

This article aims to get an overview about the meaning of the image in our current society, from the analysis of videos recorded on popular protests, precisely on the well known June 2013 Moviments that occurred throughout Brazil. Intends to make a study from this cases on how the image, here the video is influencing the daily life of the postmodern and technological citizen. In a world where people spend the most part of their days looking at their own smartphones, tablets and computers (for work or social life), this research comes up to analyze this type of relationship in which the simulacrum has been overcoming the reality.

Keywords: Post- Modern society; spectacle; simulacrum; manifestations; June 2013; technology;

Sumário

Introdução	07
1. A ascensão tecnológica na pós-modernidade;	
1.1 O levante da razão	08
1.2 O que ficou de 1968	11
1.3 A primavera 2.0	14
2. A imagem superando o movimento;	
2.1 A imagem entre nós	18
3. O simulacro superando a realidade nas manifestações brasileiras de Junho de 2013;	
3.1 Mídia convencional ante à alternativa e pessoal	21
3.2 Minha câmera e eu	24
Considerações finais	30
Referências	32

Introdução

Senhor cidadão,
eu e você
temos coisas até parecidas.
Por exemplo, nossos dentes,
senhor cidadão
Da mesma cor, do mesmo barro,
senhor cidadão.
Enquanto os meus guardam sorrisos,
senhor cidadão.
Os teus não sabem senão morder,
que vida amarga.
(Tom Zé, 1972)

Este artigo visa obter um panorama acerca das relações criadas por nossa sociedade atual com a imagem, especificamente a partir da análise de vídeos e estudo de caso no contexto das manifestações políticas ocorridas em espaços públicos em todo o Brasil ao longo do mês de junho de 2013 – fenômeno que não é isolado, pois encontra correspondentes nas manifestações europeias em 2006; ou na chamada Primavera Árabe (desde dezembro de 2010); e no *Occupy Movement* de 2011, de Nova Iorque. Pretende examinar através dos casos ocorridos no Brasil, como a imagem, no caso o vídeo vem influenciando no dia a dia do cidadão pós-moderno e tecnológico. Num mundo onde pessoas passam a maior parte de seus dias olhando para seus *smartphones*, *tablets* e computadores, essa pesquisa busca a analisar esse tipo de relação, em que o simulacro vem superando a realidade, principalmente, em seus momentos mais cruciais, os de luta por seus direitos e de outrem.

A pesquisa busca relacionar o uso da imagem ao contexto dessas distintas e contemporâneas manifestações de cunho social que vem tomando espaço pelos países globais no início do século XXI. Essa relação que acontece diretamente entre si.

A pesquisa vem de forma a entender os pressupostos e o impacto da imagem, em termos políticos e epistemológicos, tomando os vídeos produzidos nessas manifestações via as três mídias diferente. A análise aqui será feita à partir da ideia do teórico francês Jacques Aumont sobre a imagem: a) se faz; b) se refere; c) circula. (AUMONT, 1996). Este embasamento serve para subsidiar o material empírico, que toma como *corpus de pesquisa* os vídeos realizados durante as manifestações sociais em junho de 2013 no Brasil, no âmbito da mídia alternativa, aqui representada pela Mídia Ninja (Narrativas Independentes de Jornalismo e Ação) e mídia pessoal, por um vídeo realizado pelo autor deste presente artigo à época desses atos de Junho de 2013 na cidade em que residia (Pelotas, Rio Grande do Sul) durante uma passeata.

1. A virada tecnológica na pós-modernidade:

1.1 O levante da razão

Antes de trazer o conceito de pós-modernidade deve-se compreender o poder que a modernidade exerceu sobre os moldes da sociedade humana ocidental a partir das Revoluções Industriais. Para muitos teóricos a pós-modernidade ainda sequer veio a existir, e que não passa de uma série de mudanças de alguns menores viés da própria modernidade. Portanto, para chegarmos a um ponto de diferenciação de uma para outra é necessário saber-se de ambas.

O termo modernidade compreende um período de tempo na história do ser que marca a predominância da razão sobre todas as coisas. Sendo esse período compreendido entre o fim da Era Medieval um pouco após a II Revolução Industrial. Marshall Berman, filósofo norte americano marxista e assíduo defensor de que o pensamento moderno ainda não deixou de existir, em seu livro-artigo “Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar” diz que a modernidade é dividida em três fases: 1500 a 1789 – modernidade precoce-, 1789-1900 – modernidade clássica- e 1900 em diante – a modernidade tardia (OSBORNE, 1992).

A primeira se caracteriza pela ruptura com o Absolutismo. O abandono da tradição, a diminuição do domínio da religião, o domínio da razão pela ascensão da razão trazida por alguns pensadores. Para a filosofia, ramificaram-se dois períodos de quebra, de mudança, em primeira instância pelo Renascimento. Esses pensadores eram homens de uma pré-modernidade, homens de raciocínio ou cientistas. Uma faísca de busca por novidade e conhecimento se alastrou pelo mundo ocidental. O ser humano a conhecer a si mesmo. Num segundo momento, uma outra leva de pensadores vêm à tina com fins destronar a hierarquia monárquica. Defendiam a emancipação do homem, enquanto cidadão de uma sociedade ainda a se modernizar. Revoltas começaram a ocorrer pelo território europeu afim de trazer o fim do Absolutismo e o controle destrutivo das instituições religiosas. Poder para o povo, o camponês, o trabalhador. Uma transformou a filosofia ocidental a ponto da humanidade desembocar na Revolução Francesa, iniciada em 1789.

Assim inicia-se o segundo período, modernidade clássica, compreendida entre 1789 e 1900, ou como traria Eric Hobsbawn, “o longo século XIX”, quando então ele coloca a Revolução Francesa como um passo na evolução da ciência (através de ideias como o

liberalismo, democracia e nacionalismo) para a criação dum aparato tecnológico para enfim se iniciar a Revolução Industrial, um marco concreto no mundo moderno.

A idade do movimento. Os ímpetos de mudança cunhados pelo modernismo se alavancaram pelo funcionar das máquinas das Revoluções Industriais. Obviamente que ao mesmo passo alavancou-se o crescimento impetuoso e inicial do capitalismo. Com o liberalismo, o giro do capital começou a acontecer efetivamente, e por consequência, o consumo começou a se mostrar uma nova tendência no mundo. O nascimento do mercado mundial. E por consumo, compreende-se também uma ânsia por novidade. Numa humanidade afoita pelo novo, os padrões industriais adaptam-se a velocidades atrozes. Linhas de produção em massa aterrorizam a vida de trabalhadores de fábricas, comendo suas horas de sono, descanso, lazer, prazer, educação, salubridade, etc. Assim, mais revoltas populares, e agora também trabalhistas, iniciam-se pelos países recém industrializados. Um mundo mais crítico vinha à tona, um mundo que ainda segundo Marx,

o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos. ...Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo o que é sólido se desmancha no ar. (Marx & Engels, 1973, p.70)

A terceira parte, dita modernidade tardia, então vem até nós. Em 1900, a industrialização massiva direcionava os governos de diferentes países pelo mundo para níveis opressores extremamente altos. Os padrões que se instauraram pelo mundo, os modos de vida a se seguir (em paralelo às próprias linhas de montagem, produção, do setor industrial que se refletia nas camadas sociais da população global ocidental), o mercado consumidor numa crescente infinita, o mundo se viu novamente parado. E é então que uma camada de filósofos, sociólogos, artistas, etc., vieram com ímpetos de mudanças uma vez mais. Como uma vertente da arte, da filosofia, sociologia, antropologia, o modernismo tomou seu lugar no mundo de forma definitiva.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês arremata o devir do homem moderno quando lembra que “*Avant-garde* significa, literalmente, vanguarda, posto avançado, ponta-de-lança da primeira fileira de um exército em movimento: um destacamento que se move na frente do corpo mais importante das forças armadas” (BAUMAN, 1997, p. 121). E assim se fez. Não apenas nos quadros artísticos do modernismo com suas mais distintas frentes ao decorrer dos anos, levantadas por alguns grupos (à exemplo da tardia Semana de Arte Moderna de 1922, no Brasil, alcunhada por um grupo de artistas cujo trabalho ressignificaria o que se entendia

por arte no país) cuja base de atuação era a mudança, mas também como movimentos sociais e a ascensão de grupos sociais que eram até ali extremamente desfavorecidos, como as mulheres, os negros, nativos, etc. Esses grupos se tornaram vanguardas em seus próprios temas.

Essa modernidade tardia estendeu-se até idos de 1989, quando do fim da Guerra Fria, o término da bipolarização política mundial. Um mundo de convicções rachadas então começa a dar espaço para o surgimento de outras centenas de outras e novas convicções. Período no qual a pós-modernidade começa a criar suas raízes. O entendimento de vanguarda começa a se modificar. Não haveria mais alguns grupos detentores de novas ideias a serem exploradas num meio. Ao contrário, agora diversos grupos o fazem em diversos meios. O mundo teve uma explosão demográfica estrondosa em um século ou até meio. A tecnologia atingiu uma produção inimaginável, a produção científica, social, artística também. Caminhos novos foram e vem sendo traçados num ritmo frenético e altamente flexível.

Stuart Hall, sociólogo jamaicano, cujos ensaios sobre identidade cultural são voltados também às ramificações socioculturais da humanidade moderna, em especial no que tange a modernidade tardia e seu desdobramento na pós-modernidade, cita o teórico político, Ernesto Laclau e incita à diversidade como motor pensante dos mais variados grupos humanos dizendo que “as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeitos’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (HALL, 2006, p.14). E ainda citando Laclau sobre o deslocamento, movimento, desdobramento dessas distintas identidades como tendo características positivas, uma vez que desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações – a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e uma recomposição das estruturas de particulares pontos de articulação (social, artística, política, etc.).

Ao discorrer a respeito do pós-modernismo, Zygmunt Bauman diz que já não existem mais movimentos de vanguarda, como no caso da sociedade Moderna. Os movimentos não são mais unificados. Entretanto sejam de maior número, em diferentes regiões pelo mundo inteiro e de distintas propostas.

Já não se fala de missões, de advocacia, de profetização, de uma e única verdade firmada para estrangular todas as pseudoverdades. Todos os estilos, antigos e novos sem distinção, devem provar seu direito de sobreviver aplicando a mesma estratégia, uma vez que todos os submetem às mesmas leis que dirigem toda a criação cultural, calculada - na frase memorável de George Steiner - para o máximo impacto e obsolescência imediata. (BAUMAN, 1997, p. 127)

Stuart Hall, em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, traz um balanço sobre o que se entende de identidade cultural nas últimas décadas. Ele discorre sobre a expansão da diversidade cultural contra os confortos e conservadorismo da tradição. Ele traz um balanço muito preciso das ramificações dessas identidades, o que explica as mais controversas atitudes de determinados grupos sociais, que aqui estarão representados pelos manifestantes do rebuliço contestatório que vem ocorrendo no Brasil e, especialmente, gerados em Junho de 2013. Hall diz que "o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas".

2.2 O que ficou de 1968

Século XXI, o mundo funciona da maneira mais ágil possível, até onde se conhece. Praticidade, mobilidade, comunicação, produção, corrupção, repressão, tecnocracia e controle. Lemas de um mundo cujas tramas da identidade cultural de grupos diferentes acabam por convergir. Essa convergência não mais divide o mundo, apesar de suas divisões de filosofia oriental e ocidental, por polaridades ideológicas, tradicionais e conservadoras. Ao contrário, o capitalismo hegemônico, com seu estridente neoliberalismo a leva-lo pelas costas, difunde e propaga seus ideais monopolistas e oligárquicos. O mercado global tem perdido seu próprio espaço da livre concorrência, pois a própria indústria e comércio sabotam na ânsia pelo acúmulo voraz do capital, essa ideia preponderante do liberalismo.

Grandes, gigantes, multinacionais, ou verdadeiras corporações comerciais e industriais, acabam por concentrar a descarada maioria do capital global nos cofres arraigados numa expressa minoria mundial. Uma controvérsia que só o capitalismo pode se submeter a si mesmo, de forma que a “selvageria” acaba por controlar o pensamento mercadológico, e por consequência, político dos países pós-modernos. Stuart Hall, ao invocar o filósofo e historiador francês Michel Foucault que, quando discorre sobre a identidade à partir do século XX,

produziu uma espécie de ‘genealogia do sujeito moderno’. Foucault destaca um novo tipo de poder, que ele chama de “poder disciplinar”, (...) preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo

do século XIX e que “policiam” e disciplinam as populações modernas – oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante. (HALL, 2006, p.26)

Um século conturbado, o século XX. Duas grandes Guerras Mundiais, a primeira de 1914 até 1918 e a segunda, de 1939 a 1945. Ambas tomaram a Europa como epicentro da chacina vertiginosa e terminante de cidadãos livres do mundo. Antes, um novo sistema é erguido na Rússia e, então União Soviética, o socialismo. Após a guerra, a ascensão dos Estados Unidos da América como nova potência mundial num mundo fragilizado, polariza um embate que perduraria anos a fio entre o capitalismo hegemônico e um socialismo expansivo. Também conhecido como Guerra Fria, esse período na modernidade, foi levado pela humanidade ocidental com muita tensão no ar. Enquanto que nas Américas, ditaduras totalitaristas e militares – em muitos casos financiadas pelo governo norte americano - se escancaravam numa América Latina que mal teve tempo para caminhar por suas próprias pernas - após séculos de colonização –, em focos do Leste-Europeu, Oriente-Médio e Ásia, outras ditaduras, que se tornaram talvez piores, também eram arrebatadas – em alguns casos financiadas pelos soviéticos. E a partir desse dualismo ideológico, algumas outras grandes guerras acabaram sendo tabuleiros dessas duas grandes potencias pudessem exercer sua hegemonia.

Essa polarização poder acabou por sufocar por anos um mundo já moderno, cujos princípios de cidadãos do mundo não poderiam caber num dualismo ideológico tão limitado a essa disputa extremamente lasciva de poderes. E assim algumas revoltas voltaram ao cenário mundial, que aqui representaremos através de Maio de 68 na França, um evento que muito contribuiria para que no próximo século se iniciassem as revoltas que nos interessam, no momento.

As revoltas de “Maio de 68”, como ficaram popularmente conhecidas, foram manifestações a princípio realizadas por estudantes contra os ideais capitalistas e expansivos do liberalismo, causadores do também combatido por esses jovens, o consumismo irrefreável. Eles também punham-se contra os moldes traçados pelas mesmas instituições surgidas no séculos XIX referenciadas por Foucault anteriormente - oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas, etc. Essas instituições mantinham o mundo sob seus padrões de controle, que consideravam tiradas de acordo com os próprios interesses governamentais. As insurreições que tomaram conta das ruas de Paris, foram também seguidas pelo camada de trabalhadores, operários ou proletariados, por assim dizer. E uma greve geral instalou-se no país. “Paris tomada por barricadas, um Estado de privilegiados ausentes, dez milhões de

grevistas, ocupações de fábricas, (...) um país de pernas pro ar durante um mês, (...).” (Glucksmann & Glucksmann, 2008, p. 52).

O interessante do movimento francês é a sua descentralização. Não fora feito através de partidos, ou alguma figura de interesse que levaria o povo às ruas. Pelo contrário, elas foram tomadas pelo interesse próprio de cada cidadão às ruas efetivamente compareceram. Esse movimento fora violentamente reprimido pelas forças policiais civis e militares, invocadas pelo então presidente francês Charles de Gaulle a não dar espaço às manifestações. A força do movimento contraposta pela força policial foi tanta que o embate quase transformou-se numa guerra civil.

Em 1968, um sentimento insólito predomina: a história depende dos cidadãos. Washington e Moscou não decidirão mais o destino da Europa. É o começo do fim da Guerra Fria nas cabeças. A “crise” dispara o despertador de um continente recentemente cicatrizado, finalmente capaz de tomar seu destino nas mãos. (Glucksmann & Glucksmann, 2008, p 37).

Apesar do clamor pela maior democracia, maior liberdade, maior fraternidade e maior igualdade, notoriamente os próprios franceses se perguntavam o que estavam fazendo. Por que iam às ruas? Qual o motivo de seus protestos? O que, afinal de contas, estava buscando?

(...) uma explosão de palavras simbolizadas pelo famoso ‘Tenho alo a dizer mas não sei bem o quê’ (...) ,uma torrente de discursos anárquicos e contraditórios submergiu a palavra dos esclarecidos, fossem esses tecnocratas, políticos, revolucionários profissionais, professores ou párocos. Seus ágapes primaveris abriram caminho para nossa sociedade cacofônica. (Glucksmann & Glucksmann, 2008, p 57).

2.3 A primavera 2.0

André e Raphaël Glucksmann, pai e filho respectivamente, escreveram interessante livro a respeito de Maio de 68. O pai, participante ativo das revoltas de sua época dialoga com seu filho a respeito do que se foi feito em seu país após a primavera de anos 1960/70. O filho o contrapõe dizendo que tudo que pregavam, hoje negam, ou se perdeu. Dessa relação tão antiga quanto a condição humana, a relação de pai para filho, aqui se atesta a transição moderno para pós-moderno através das afirmações de Raphaël para André.

Vocês gritaram: “Somos todos judeus alemães!”, e eu não sou mais nada, mergulhado numa era pós-nacional, pós-patriótica, pós-moderna, pós-identitária. Vocês escreveram: “A anarquia sou eu”, e eu chafurdo em pelo individualismo, única face para meus desejos e consciência. Vocês proclamaram: “É proibido proibir”, eu não obedeco mais nem aos meu pais nem ao rabino. Os tabus e regras que estruturam toda a coletividade cedem diante dos meus desejos e vontades. Vocês cantaram: “vivamos sem tempos mortos, gozemos sem freios”, eu faço jogging de objeto de consumo em objeto de consumo, de prazer em prazer (...).

“Vocês disfarçaram o “Amai-vos uns aos outros” seguleno-crístico de “Amai-vos uns sobre os outros”. E aqui estamos nós indo tranquilamente para a cama com mulheres, homens e até com homens e mulheres. Na cara de todo mundo, na casa de pais que não o são mais! O “gay” que nos impõe seu “orgulho” e a garota afirma-se sexualmente igual ao garoto. Arrgh! Vocês transformaram minha vida numa orgia e meus país em lupanar. O mundo é um filme pornô (...). (Glucksmann & Glucksmann, 2008, p. 58).

São com essas palavras que aqui se aporta o mundo contemporâneo, pós-moderno. As relações do homem com o mundo já não são mais as mesmas que as defendidas pelo homem moderno. Esse ficou em 1989, com a queda do Muro de Berlim. Chega a ser inegável que essas relações ficaram arcaicas. Se já em 1968 eram arremessadas contra os muros das escolas, contra os governos, tem-se que ter por conta que hoje os muros são diferentes, as escolas são diferentes. Pode-se até mesmo dizer que o termo “pós-moderno” possa ser alvo de contestação, mas definitivamente o moderno já passou. Aqui assume-se a alcunha de pós-modernidade um mundo onde todas as questões relacionadas à modernidade já são outras. Mas nem uma, nem outra são novas ou antigas. A dúvida reside em outros âmbitos, em outras ânsias, em outras vontades. A liberdade conquistada pela geração dos anos 1960/70 foi supervalorizada e já subvalorizada. Novas formas de controle e manobra de massas surgem ante ao “boom” tecnológico em que vivemos. A velocidade, o imediatismo modificam das menores às maiores formas de relação entre homens e mulheres, cidadãos globais e globalizados do século XXI.

No cenário pós-moderno do presente, falar de uma vanguarda não faz sentido. (...) A multiplicidade de estilos e gêneros já não é uma projeção da seta do tempo sobre o espaço da coabitação. Os estilos não se dividem em progressista e retrógrado, de aspecto avançado e antiquado. (...) Num cenário em que a sincronia toma o lugar da diacronia, a co-presença toma o lugar da sucessão e o presente perpétuo toma o lugar da história, a competição domina desde as cruzadas. Já não se fala de missões, de advocacia, de profetização, de uma e única verdade firmada para estrangular todas as pseudoverdades. (BAUMAN, 1997, p.127).

E, assim, uma mais vez, uma rede de protestos mundiais toma conta de diferentes país pelo globo. Um fenômeno que há tempos não ocorria em tal escala, uma eclosão simultânea de movimentos sociais de protesto com reivindicações similares ou não. Partindo no norte da África (derrubando ditaduras na Tunísia, Egito, Líbano e Iêmen), passando pela Europa, com movimentos enormes na Espanha e Grécia e nos subúrbios de Londres, pelo gritos por educação no Chile, desembocando em prol da liberdade nos EUA, com o *Occupy Wall Street* – que tem importante fundamento para o episódio brasileiro - até chegar à Rússia.

A primavera de 1968 da França muito teve em comum com os movimentos de 2011 pelo globo, e com os Movimentos de Junho de 2013 no Brasil. A corrente contra o neoliberalismo agressivo domina os países do mundo, que por vertentes nada democráticas corrompem qualquer forma de governo na ânsia pelo acúmulo de capital e governança – poder – hegemônica. Por isso, o maior grito desses Indignados – como ficaram conhecidos os revoltosos desses eventos – foi por maior democracia, por maior participação nos rumos do mundo. Num mundo que pudesses se reestruturar a partir de suas bases corrompidas e corrosivas. Seu epicentro, o local máximo que poderia se combatido, Wall Street – centro comercial da cidade de Nova Iorque, ou seja, centro comercial da maior potência econômica mundial – foi ocupado em 2011 por uma maioria que não se via representada pelas vontades de uma minoria.

Somos os 99%. Somos a maioria e essa maioria pode, deve e vai prevalecer. Uma vez que todos os outros canais de expressão estão fechados para nós pelo poder do dinheiro, não temos outra opção a não ser ocupar os parques, praças e ruas de nossas cidades até que nossas opiniões sejam ouvidas e nossas necessidades atendidas.
*(HARVEY, 2011, p.61)

Essa maioria, sofreu dos mesmos paradoxos das manifestações de Maio de 68. As pessoas acampadas havia dias, no centro econômico do mundo, faziam rodas de conversas democráticas e debatiam sobre o futuro do movimento. A pluralidade do movimento, a exemplo também de 1968, foi algo a se destacar. Pobres, ricos, classe média, negros, brancos, nativos, estrangeiros, etc., todos se reuniram para discutir o futuro do mundo democrático que, no momento, falhava. E também, assim como antes, em 1968, o estado manteve rígidos controles de massa através de uma polícia truculenta e opressora.

“Que organização social pode substituir o capitalismo atual? De que tipo de novos líderes precisamos? E de que órgãos, incluindo aqueles de controle e repressão? As alternativas do século XX obviamente não funcionaram.” (ZIZEK, 2011, p. 16). Essas questões levantadas pelo sociólogo e filósofo esloveno Slavoj Žižek durante importantíssimo discurso na Praça Zuccotti em *Wall Street*. Tão importante foi, que foi ao encontro com os contestadores do movimento que o tratavam como uma impulsão de jovens sem motivo algum. A mídia, o governo, bem tentavam definir o que estava acontecendo buscando respostas incabíveis e infundadas, mas a resposta era o próprio movimento.

Devemos tratar as reivindicações dos protestos de Wall Street de maneira semelhante: intelectuais não devem tomá-las inicialmente como reivindicações e questões para as quais precisam produzir respostas claras e programas sobre o que

fazer. Elas são as respostas, e os intelectuais deveriam propor as questões para elas.
*(ZIZEK, 2011, p. 25)

Esse movimentos impulsionaram e desencadearam muitos outros mundo afora, inclusive no Brasil, que em Junho de 2013 viu as ruas de suas capitais e cidades de interior serem tomadas por pessoas clamando vorazmente por mudanças. Diferentes tipos de movimentos se somaram para eclodir numa só voz. Entretanto esses movimentos foram se rachando e até mesmo se dividindo durante as manifestações eclodindo numa situação, no mínimo, curiosa no Brasil.

Desde seu acontecimento prévio com o Movimento Passe Livre (MPL) fazendo chamadas contra o aumento das passagens de ônibus, trem e metrô no estado, e mais especificamente, na cidade de São Paulo. O contexto urbano de resistência (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, o próprio Movimento estudantil, etc.) havia preparada um terreno que já estava preparado em curso para uma manifestação de maior porte. A cidade é, talvez, o melhor espaço para que uma contestação possa ser ouvida.

A cidade é usada como arma para sua própria retomada: sabendo que o bloqueio de uma mera cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e as deixa à beira de um colapso. Nesse processo, as pessoas assumem coletivamente as rédeas da organização de seu próprio cotidiano. *(MPL, 2013, p. 16)

O espectro da Copa do Mundo mais cara da história foi também uma das causas que mobilizaram os residentes das capitais que sediariam os jogos do megaevento. Através disso alavancava-se a força da corrupção, velha conhecida da história do país. A hiperfaturação na construção dos estádios e reformas para a Copa, as remoções de pessoas que viviam nos entornos dessas arenas para que se realizassem suas construções, o franco encarecimento do país indignaram e, por fim, atingiram diretamente o cidadão o aumento das passagens. Esses pontos culminaram na indignação de mais das centenas de milhares de brasileiros que fizeram o do palco cidade o maior evento do tipo desde as Diretas Já, de 1985, e dos movimentos dos “caras pintadas” pró-*impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Melo, em 1991.

A Primavera Árabe, as revoltas na Grécia, Espanha, Chile, México, Nova Iorque e, enfim no Brasil, todas tiveram algo em comum, fora as questões –ou melhor, as respostas – levantadas. Algo que teve a força de chamar essas manifestações, que impulsionou seu acontecimento, que se fez compartilhar por todas as partes para que se houvesse uma

visibilidade como nunca antes na História, que se fez de registro, que se fez de defesa e que, principalmente, se fez pensar. Essa força foi a imagem.

2. A imagem superando o movimento

3.1 A imagem entre nós

O teórico da imagem, Jacques Aumont, contribui à discussão do que é imagem para o ser humano, através de seu livro *A Imagem*, traçando um primeiro panorama de seu significado ou percepção. “Desde os tempos mais arcaicos o ser-humano traz aos olhos as imagens. A percepção visual é, de todos os modos de relação entre o homem e o mundo que o cerca, um do mais bem conhecidos” (AUMONT, 1990, p. 11). De tão bem conhecida, a percepção levou o ser humano à ânsia da representação da rupestre (em que o homem fazia de sua caça, símbolo), passando pelas pinturas corporais, impressões arquitetônicas, a pintura como conhecemos, a fotografia até chegarmos a imagem em movimento, com o cinema, televisão e o ponto aqui a ser analisado, o vídeo. Seus significados e representações são dos mais variados de acordo com as próprias necessidades humanas em seus distintos períodos pela história. Apesar da forma, a imagem jamais foi estática. Ou ao menos seu significado, sua motivação, seu contexto.

Aumont ainda teoriza sobre a função da imagem ante à relação de seu produtor com o mundo através da história, dividindo-a em três modos: a) modo simbólico, que a associa a algum tipo de simbolismo, religioso ou não; b) modo epistêmico, que parte de uma informação sobre o mundo, de caráter mais documental, por vias de fato; c) modo estético, que considera imagem destinada a oferecer sensações ao espectador. Essa talvez seja a que mais interessa a essa pesquisa, pois seguindo com Aumont:

“essa função da imagem é hoje indissociável, ou quase, da noção de arte, a ponto de se confundirem as duas, e a ponto de uma imagem que visa obter um efeito estético poder se fazer passar por imagem artística (vide a publicidade, em que essa confusão atinge o auge).” (AUMONT, 1990, p.80-81)

Pela história dessas representações entende-se que essa busca pela imagem é algo muito recorrente ao homem, sendo parte de seu processo de hominização. A imagem sempre teve um significado distinto através do tempo e de acordo com as diferentes culturas. O registro, o retrato do imaginário, o inconsciente, os anseios. Um reflexo de sua identidade em construção, qualquer que seja ela. Com o avanço tecnológico irrefreável, os meios de comunicação em massa cada vez mais fazem uso da imagem para seu funcionamento.

Segundo Stuart Hall, citando o psicanalista francês, “como diria Lacan, a identidade, como inconsciente, ‘está estruturada como língua’” (HALL, 2006, p. 27),. Para assim dizer que a língua/linguagem é parte de um meio, uma parte que se comunica entre esse meio e que o faz interagir, progredir ou regredir. Assim, em meados do século XXI, o ser-humano se apropria da imagem para transformá-la num meio de comunicação com uma força nunca antes experimentada.

Esse mesmo século XXI, o apogeu do ser tecnológico (uma vez que não conhecemos o que vem após) vê em suas dimensões o surgimento de aparatos de comunicação que extravasam a linha da própria comunicação. A ânsia por comunicação em tempo real, independente de posições geográficas, o faz busca-la através da tecnologia. A internet possibilitou isso. O tempo real já não condiz a realidade. Realidade das ruas, a realidade do palpável, que sentimos na presença física. Smartphones, tablets, notebooks e novíssimas tecnologias que chegam, e ainda estão por vir iniciam uma nova era na história da humanidade, onde esse o espaço virtual imagético começa a tomar lugar (e se afirmar lugar comum) do espaço real, do mundo palpável e direto.

Jean Baudrillard descreve divertidamente um caso de multidão que pode-se fazer um paralelo com a “multidão virtual” da conexão entre pessoas cada vez mais distantes. Ao descrever a Disneylândia como “modelo perfeito de todos os simulacros confundidos” mostra uma fragilidade do ser humano em multidões que se reflete nos meios de comunicação em massa, como *Facebook*, *WhatsApp*, etc., dizendo que o que mais

atrai as multidões é sem dúvida muito mais o microcosmos social, o *gozo religioso*, miniaturizado da América real, dos seus constrangimentos e das suas alegrias. (...) A única fantasmagoria neste mundo imaginário é a da ternura e do calor inerente à multidão e a de um número suficiente e excessivo de *gadgets* próprios para manter o efeito multitudinário. O contraste com a solidão absoluta do parque de estacionamento – verdadeiro campo de concentração – é total. (BAUDRILLARD, 1991, p. 20)

Trocando o parque de estacionamento pela solidão da vista de um aparelho celular segurada por suas próprias mãos, pode-se inferir aqui que a imagem então suprime até mesmo a própria multidão real para dar lugar à multidão solitária de uma tela de *LED* de poucas polegadas. Essas telas nada mais fazem que simular uma ambiência de comunicação da vida real através de códigos e símbolos, o simulacro. Em grande parte das relações das pessoas com esses smartphones, o simulacro até então tido como quase verdade passa então a cima da realidade, tomando conta da vida de cada cidadão que vive no interior de sua própria *cloud*, de seus próprios círculos de amizade virtual ou grupos de *chats*, crendo não haver qualquer

tipo de interferência de vontades maiores ou jogadas políticas e midiáticas em cima de seus softwares de relacionamento, trabalho, etc. Quando então as coisas se misturam. Um desses casos é a impressionante força que vídeo teve nas manifestações mundiais do século XXI, mais especificamente nas de Junho de 2013, no Brasil que aqui se fará de exemplo dessa superação de realidade.

Beatriz Jaguaribe, professora na Escola de Comunicação da UFRJ, possui um estudo acerca da estética, significados e códigos do realismo presente no mundo social imagético, em especial do país. Em seu livro, *O choque do real: estética, mídia e cultura*, Jaguaribe faz uma pesquisa do realismo em diferentes tipos de imagem, afirmando que “o realismo estético na fotografia, cinema, literatura e meios de comunicação constituiu-se como um senso comum que permeia a percepção do cotidiano na modernidade” (JAGUARIBE, 2007, p 15). Assim, chega a uma análise da evolução da imagem no Brasil, desde os tempos de pintores estrangeiros aqui vieram com a finalidade de retratar o país (que ainda não reconhecia seus próprios pintores), mas mais a fundo, ela analisa a fotografia no país. Desde a época do império, passando pela Era Vargas e até as fotografias contemporâneas das favelas, os três em forma de ensaios e retratando o discurso, a estética, o realismo contido neles. Para Jaguaribe,

o paradoxo do realismo consiste em inventar ficções que parecem realidades. (...) A realidade é socialmente fabricada, e uma das postulações da modernidade tardia é a percepção de que os imaginários culturais são parte da realidade e que nosso acesso ao real e à realidade somente se processa por meio de representações, narrativas e imagens. (JAGUARIBE, 2007, p. 16)

E essas ficções vem sendo feitas realidade até mesmo nos próprios meios de comunicação. Importante ressaltar que a imagem à partir da metade do século XX e na totalidade do século XXI, tornou-se um tipo de fantoche para as grandes corporações comerciais e industriais, por meio da propaganda. O show, o espetáculo ficcional se inicia. A cultura do espetáculo. Guy Debord, pensador da geração de Maio de 68 da França, percebe o mundo em sua uma relação com imagem totalmente ligada a essa cultura,

onde uma relação entre o espectador e o processamento de imagens que ocasiona o apagamento do mundo simbólico, na medida em que engloba a totalidade do sistema social e submete qualquer vivência às mediações da mídia. (JAGUARIBE, 2007, p. 38).

3. O simulacro superando a realidade nas manifestações brasileiras de Junho de 2013

3.1. Mídia convencional ante à alternativa/pessoal

A interferência do simulacro nas manifestações do século XXI se deu de forma nova. Ela realmente poderia inferir na condução desses protestos. A forma como todo um povo poderia ver isso, uma forma velada pelos políticos, uma forma de defesa pelos ativistas. Uma verdadeira guerra midiática acabou sendo travada no campo da comunicação. E o embate foi travado entre os moldes arcaicos de uma mídia televisiva convencional contra os moldes mais contemporâneos possíveis de uma mídia alternativa e pessoal, através de fotografias e vídeos de câmeras fotográficas digitais e *smartphones*.

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução de realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social. (SAKAMOTO, 2013, p. 95)

O jornalista, velho conhecido das redes sociais, Leonardo Sakamoto faz uma análise de como as redes influenciaram no decorrer das manifestações, de como a internet foi às ruas e como as ruas foram à internet, ao dizer, por exemplo num dia de ato que “o chamado, feito via redes sociais, trouxe as próprias redes sociais para a rua. Quem andou pela Avenida Paulista percebeu que boa parte dos cartazes eram comentários tirados do Facebook e do Twitter.” (SAKAMOTO, 2013, p. 97)

O vídeo, a exemplo das outras manifestações sociais que ocorreram previamente no mundo, foi a plataforma certamente mais explorada pelos meios de comunicação e pelo manifestantes. Utilizada a princípio como um chamariz para o encontro nas ruas, ela também foi usada em larga escala *in loco*. No caso, a grande maioria dos componentes das grandes passeatas possuíam em mãos algum tipo de aparato fotográfico e videográfico. Resultado da apropriação do avanço tecnológico e digital, câmeras fotográficas profissionais, que realizam gravações em vídeo, tornaram-se mais acessíveis na virada do século. Além disso, todo e qualquer tipo de aparelho celular atual possui um dispositivo de produção de imagem, em pior ou em maior qualidade, mas possui. Assim, qualquer cidadão que portasse ou um ou outro em mãos pôde registrar as passeatas a sua própria maneira. Num primeiro âmbito feito apenas como registro, esses aparatos puderam ser mais explorados até mesmo como forma de manutenção, e alavanca social. O vídeo, a fotografia como instrumentos de registro dão porte a outros significados servindo em alguns casos até mesmo como uma ferramenta de defesa – o que, de fato, que aconteceu com alguns vídeos feitos nas manifestações de São Paulo e Rio

de Janeiro. Um grupo de jovens que se denominam a Mídia Ninja inovaram no quesito “revolução em tempo real”.

Esta perspectiva expandida do vídeo implica em observar os seus trânsitos na arte como interface. Estes trânsitos dizem respeito às fronteiras compartilhadas que o colocam em contato com estratégias discursivas distintas ao meio eletrônico e interconectam múltiplas ações criativas em um mesmo trabalho de arte. (MELLO, 2008)

Christiane Mello, pesquisadora em linguagem da arte, num artigo escrito para uma pesquisa organizada por Arlindo Machado, chamada *Extremidades do Vídeo* de 2004, traz um estudo do vídeo que se encaixa bem nos moldes da proposta levantada pela Mídia Ninja e a “mídia pessoal” – que aqui leva-se em conta o trabalho pessoal que cada cidadão que dispôs a realizar um vídeo ou fotografias próprias das manifestações – trouxeram às manifestações.

A desconstrução do vídeo diz respeito a gestos expressivos em que há a intenção consciente de desmontar a linguagem videográfica, desmontar um tipo de contexto midiático ou uma imagem. Os conceitos desconstrutivos evocam, em um primeiro momento, a negação do próprio meio e, em um segundo momento, a necessidade de expansão de seus limites criativos. Como uma onda contra-metalinguística, essa extremidade diz respeito ao vídeo que se questiona, se apropria de si mesmo e se recicla, ao utilizar elementos preexistentes no interior do seu próprio código para constituir discursos fronteirços. Neste caso, é possível verificar, por exemplo: a televisão sendo desconstruída pelo vídeo (...). (MELLO, 2008)

Cansados do poder coercitivo da grande mídia e de sua manipulação excessiva do que estava acontecendo por vias de fato na ruas, a Mídia Ninja levou a concepção de registro nos mesmos moldes que a mídia o faz, em tempo real. Entretanto, a mostrar um outro lado, um outro ponto de vista sobre os acontecimentos. Munidos com internet móvel, 3G à época, eles desenvolveram um sistema de transmissão ao vivo próprio. Através da plataforma *Live Stream*, eles plugavam uma câmera ligada a um notebook dentro de um carrinho de supermercado e se infiltravam no meio do povo revoltado. A câmera no olho do furacão.

Com isso, além comunicarem diretamente os acontecimentos nas passeatas, também utilizavam o vídeo como forma de própria defesa. Relatos de abuso da força policial para com os manifestantes poderiam ser diminuídos com a posseção duma câmera ante um policial. Arma *versus* câmera. E assim, poderiam permanecer a o tempo que fosse na manifestação com a câmera ligado, registrando tudo a todo momento.

Um caso específico, foi de um dos integrantes da Mídia Ninja ser rendido pela Polícia Militar e conseguir ir quase até a delegacia com o aparelho ligado e transmitindo em tempo real. O vídeo, intitulado “Prisão do Repórter da Mídia Ninja” de 04min52s de duração,

exposto no canal chamado “PosTV” – servidor dos vídeo da cobertura Ninja. A câmera literalmente como extensão do corpo, câmera subjetiva. Ou seja, como se mostrasse a visão do câmera, no caso, do repórter independente. No momento em que está sendo entrevistado por um outro repórter, vê-se num plano americano um cidadão com um celular à mão. Nem mesmo começa a entrevista e o plano se desloca para um policial em movimento que vem até o Ninja – assim intitula-se o repórter – e pede sua identificação. Como se fosse mesmo seus olhos, ele leva seu documento à lente da câmera, pode onde pode-se ver nitidamente sua colaboração com o policial. Entretanto, o Ninja desloca o enquadramento pro repórter que o entrevistava e lhe faz perguntas sobre quem ele é na verdade. Entende-se que poderia ser um policial infiltrado que o retirou do meio da manifestação, com a desculpa de realizar uma entrevista, para que fosse autuado longe da grande mídia. E realmente acontece, o “repórter” também passa a revista-lo e a câmera, sempre ligado, do Ninja flagra o momento. E a situação piora, pois ele reage e os policiais o levam em direção ao camburão da Polícia Militar. A trepidação do enquadramento reflete nitidamente a emoção de quem o fazia. Ele ainda tenta flagrar as faces dos policia e ainda mostra que a manifestação chega a eles, pedindo sua liberdade. A claridade das ruas, o rastro da luz sob baixa velocidade de obturação, dá lugar à escuridão do camburão. O câmera corta.

3.2 Eu e minha câmera

Caso curioso também ocorreu como próprio autor deste artigo. Minha relação com a imagem precede em algum tempo qualquer manifestação de 2013. Iniciei minha vida audiovisual mais a fundo no ano de 2010, quando aos 17 anos ingressei no curso de Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Entretanto, no mesmo ano também fiz parte duma Rádio Comunitária da cidade, a RádioCom 104,5 FM. Nesse meio entrei em contato com os diferentes movimentos sociais na cidade. O movimento feminista, movimento negro, movimento LGBT, movimento dos sem-terra, sindicalistas, etc. Portanto, a minha predileção por cobrir manifestações começou por ali, junto com uma insurgente vontade de registrar o descaso público para com sua população periférica ou central.

Um ano depois, em 2011, por ligações da vida, um grupo de amigos muito próximo, da própria Rádio convidou-me a participar dum Coletivo Audiovisual. Coisa um pouco nova para mim acostumado com os paradigmas do cinema de autor e pouca gente a cima de muitas outras. Ali nos juntamos para montar, mais especificamente, uma Cooperativa Audiovisual. Cada qual contribuindo com o que pudesse para tentarmos alavancar essa ideia de uma forma

ou de outra. Isso surgiu pelo fato de estarmos sempre nos juntando em toda e qualquer manifestação social que ocorresse na cidade, registrando-as ou não. Foi um tempo muito importante para minha formação em audiovisual em si, que se expandiu para além disso, afetando até na forma como penso cinema e, obviamente, refletindo-se na forma como passei a fazer meus próprios filmes, dentro e fora do espaço universitário. Um certo asco que criei justamente pela ideia de hierarquia fílmica veio justamente da documentação através de um grupo de pensadores audiovisuais que se juntaram especificamente para isso.

Com o coletivo fomos um pouco mais além e também começamos a registrar eventos culturais. Mas o forte mesmo era sempre pautar essas manifestações contra aumento de passagem, pró-cotas raciais na UFPel, em favor das Marchas das Vadias, o 15-O (Movimento 15 de Outubro, parte da cadeia de protesto globais que precederiam os movimentos *Occupy* de 2013), etc. Portanto minha ligação enquanto corpo-cidadão, corpo-câmera e pessoa já integrava as manifestações, mesmo que fossem numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. O registro desses atos começaram a incitar mais pessoas a participarem dos futuros atos, algo que percebi no decorrer de um ano na cooperativa. Em verdade, as pessoas gostam de se ver.

Em 2012, afastei-me da Cooperativa por buscar novos horizontes, chegando a trabalhar numa bolsa de extensão do curso de Antropologia. Estava me sentindo-me um pouco estagnado, até porque o próprio coletivo havia atingido um ponto em que não se avançava. Assim ingressei numa trajetória que, hoje, considero uma época de aprendizagens e aprofundamentos com relação à imagem de tamanhos imensuráveis. Como dito a cima ingressei num tal Laboratório de Ensino e Produção e Pesquisa da Antropologia da Imagem e Som – LEPPAIS – coordenado pela professora doutora Claudia Turra Magni, quem também me orientadora deste presente artigo.

Entretanto, jamais deixei de comparecer às passeatas de minorias. Comparecia sempre que me chamavam pra cobrir essa ou aquela manifestação. Inclusive percebi que em alguns momentos me via sozinho ou deslocado nessas passeatas. Eu e minha câmera. Foi uma fase um pouco turbulenta para mim pois não me via dentro dos movimentos. Via-me por fora. Afinal, eu estava protestando ou estava registrando? O que era o registro para mim, então? Essa dúvida me assombrou por um bom período de tempo. Tempo esse que também começou a ficar escasso e eu já não podia participar ativamente de certos movimentos, restando-me apenas o registro. Então essa dúvida acentuou-se e me vi numa situação extrema. Ou parava com tudo ou me dedicava com mais afinco. Mas que afinco haveria se não construo um movimento?

Foi então que comecei a me afastar um pouco dos movimentos que compunha, lembro-me bem disso. Não sinto nem um pouco de orgulho, tampouco. Mas passava por um período extremamente dúbio em minha vida, quando comecei achar que meu ego estava tomando conta de mim e que não conseguia conciliar a militância com meu individualismo. Algo não estava encaixando. Porém, com o passar do tempo, percebi as vantagens numa bolsa num laboratório de pesquisa da Imagem em Antropologia, uma grande extensão do meu objeto de trabalho, a própria imagem. Comecei a acompanhar algumas aulas que ali eram ministradas pela Coordenadora do projeto. Aulas ao curso de Antropologia. E comecei novamente achar sentido em minha produção. Quando vi a relação de autor com a etnografia, comecei a ver as coisas por outro lado. A forma como tratar a imagem. A forma como cuidar com que está sendo retratado. Lembro-me até numa frase de Jean Rouch numa entrevista a Hans Ulrich Obrist, curador e crítico de arte.

Nós, etnógrafos, não escolhemos qualquer terreno; nós temos o nosso terreno, nós temos um lugar em que trabalhamos, e pessoas com as quais trabalhamos. E por essas razões tenho o orgulho de ter tido através do cinema, um *feedback*. O *feedback* está no fato de poder mostrar às pessoas filmadas, que muitas vezes são analfabetas, o filme que foi feito sobre elas. (OBRIST, 2010 p.48)

E isso, então, motivou-me a pensar de forma diferente. Passei a questionar minha posição ante tudo que havia aprendido por cinema. A questionar a minha relação com a imagem. O que eu queria com as imagens que tinha feito até então? O que eu estava querendo dizer? E assim pude perceber que eu e minha câmera poderíamos sim fazer parte dum movimento. Poderíamos sim fazer parte de sua construção. Afinal, era justamente isso o que eu queria dizer. A imagem poderia fazer a diferença num movimento. Como disse, as pessoas gostam de se ver. Não importa se estejam numa festa ou numa passeata. A imagem é parte de nossas vidas nesse atual século. E desde que me conheço por cidadão do mundo lembro-me de escutar o clique do obturador rodear o meu crescimento. Nós temos a ânsia do registro, a ânsia da representação em nós. E isso é já é uma sensibilidade, essa vontade de guardar os momentos efêmeros da vida que passa. Assim pude revigorar a mente e continuar trabalhando com a imagem e no ano de 2013 não poderia ser diferente.

Atualmente, resido e trabalho na cidade de São Paulo e capital do Estado, mas sou originalmente do interior, numa pequena cidade chamada Lençóis Paulista. Entretanto, muitos amigos meus são da capital, bem como metade de minha família. Portanto, quando os movimentos de Junho de 2013 começaram na capital paulista, eu também já me dispunha a acompanhá-los através da internet da cidade de Pelotas. Lembro-me bem de entrar no *live*

streaming da *GloboNews* registrando as passeatas por tomadas aéreas e pouca coisa efetivamente de perto. Um distanciamento, a meu ver, muito equivocado.

Ao acompanhar essas manifestações, lembro-me que morava na conhecida (pelos que já moraram na cidade ou tiveram um maior contato) rua Tiradentes, na região central da cidade de Pelotas. Creio que era 13 de junho, quando voltando pra casa deparei-me com um rebuliço na outra esquina de minha rua, onde atualmente encontra-se o atual prédio do curso de Geografia, o Salles Goulart. Ali uns estudantes estava reunidos protestando contra a carência de professores do curso. Estava eu com os nervos tão a flor da pele, que logo corri pegar minha câmera e fotografar o acontecido. Ao voltar pra casa para descarregar as imagens vejo em minha “linha do tempo” dá página de relacionamentos, o *Facebook*, que nesses mesmo dia, naquela mesma hora, milhares de pessoas saíram às ruas na cidade de São Paulo. Não consegui fazer absolutamente mais nada a não ser acompanhar pelo helicóptero da *GloboNews* sobrevoando um mar de gente em protesto. Lembro bem do sentimento de angústia que aquelas imagens me causaram, por não estar perto. Por não estar ali.

Mas a angústia minha vinha do fato de perceber a manipulação daquelas imagens. Claramente via-se uma polícia militarizada reprimindo violentamente manifestantes que por aquele canal, como basicamente quase toda a mídia convencional mostrava imagens de ônibus, carros, queimados, bancos com vidraças quebradas, ruas imundas, pneus em chamas enquanto chamava os indignados de arruaceiros, badernistas, desocupados, fanfarrões, vagabundos e o que mais lhe fosse conveniente para deslegitimar um movimento democrático. Fato curioso, que com o passar dos dias, esse posicionamento mudou, vide a grande euforia que havia se instaurado pelo país e que mais de milhões de pessoas tomaram as ruas das principais capitais do país.

Mas o que mais me causou asco mesmo foram as imagens da repressão policial. E essas imagens tem-se que admitir não foram feitas apenas por mídia alternativa e pessoal. Diversos jornalistas da mídia tradicional sofreram dos abusos policiais e acabaram veiculando suas imagens através de seus meios.

Por sorte, Pelotas também foi à rua. Reuni-me com um grupo de amigos muito próximos e conversamos sobre como seria nosso posicionamento na passeata, a maior que aconteceu à época. Quais táticas utilizaríamos enquanto manifestantes, quais táticas utilizaríamos enquanto cinegrafistas. E optamos pela opção mais lógica. Não nos separaríamos de forma alguma. Quatro pessoas com uma câmera na mão cada.

O objetivo era gravar o máximo de imagens possível nos cartões da câmera. Num primeiro momento, como manifestação parecia extremamente tranquila, o que me causou

certo espanto, pude registrar planos gerais e parados do grande grupo de cidadãos reunido. Devo dizer que foi a maior passeata que presenciei na cidade. A princípio só se vê através de minha câmera um rio de pessoas entrando por um lado e saindo pelo outro do quadro. Em alguns momentos até alternava com a câmera na mão, na altura da cabeça das pessoas, onde eu ia em contra-fluxo à elas. Como disse, eu carregava os nervos inflamados naqueles dias. E a meu ver mais parecia que as pessoas estava indo para postar fotos de si mesmas na manifestação, pois por algum motivo havia virado moda entre os usuários de *Facebook*, *Twitter* e, do software para celular, *Instagram*. E não só parecia, como isso realmente aconteceu. As pessoas marginalizaram qualquer tipo de revolta mais quente ou embate com a polícia. Mas a verdade é que essa foi irreduzível e repressora até o fim a partir do momento em que se exaltaram as emoções.

A passeata andava realmente parada até quando um conjunto de pessoas começou a atirar pedra num prédio de uma Igreja Evangélica. A polícia logo aproveitou para coibir a ação espantando as pessoas com bomba com sua violência típica e oriunda do despreparo por formação. E ali começou o vai e vem da violência, momento onde inicia-se o vídeo que montei intitulado longamente de “O dia em que atrapalhamos o trabalho técnico da Brigada Militar”. A câmera abre, provida de uma lente fixa e aberta, com a correria dos manifestantes e inclusive a minha. Trepidação e uma imagem instável logo de cara. Alguns manifestantes começaram a responder atirando pedras no grupo policial. O tempo todo a câmera mostra a imagem dos policiais de corpo todo, desviando-se das pedras. Observa-se o ranger de dentes de alguns mantenedores da ordem. A imagem também se move rapidamente sempre que a câmera desvia-se de outras pedras. Eu estive próximo ao corpo da Brigada Militar justamente para que não houvesse abuso policial, algo acordado também em nossa reunião sobre o registro da passeata no dia anterior. E nesse, a câmera sai rapidamente dos policiais para registrar o exato momento em que levam um jovem de rosto tapado ao chão, algemando-o enquanto alegavam que ele havia atirado as pedras nos policiais. Eu logo me aproximei, não me contendo, e pedi ao policial que não abusasse da violência. Pedi para mostrar as pedras, mas ele não mostrou porque aparentemente não havia pedra alguma ali. Nesse momento mesmo, já na parte da finalização do vídeo, subi a curva de luz para que se expusesse mais os detalhes do vídeo. O rapaz e mais outros dois são encaminhados à delegacia, enquanto segue a manifestação. Um grupo ficou muito indignado por conta disso. A câmera acompanha os policiais com os jovens algemados, num plano aberto, deflagrando também a multidão em volta disso pedindo a soltura dos cidadão. Então começaram a voar pedras para todos os lados. Os policiais correndo à frente da câmera que tremia violentamente. Alguns entrando

em quadro e outro rapidamente saindo, com cassetetes em mãos. O som tomado por sirenes estridentes e muita gritaria e algumas ameaças policiais: “Olha a bomba! Olha a borracha!”. E segundos de correria e já nem sabia por onde andavam meus amigos. Os diversos bonés brancos, hora ou outra intercalados com luzes azuis e vermelhas dos carros da Brigada, contrastavam à escuridão da rua. Passado algum momento esses bonés dão lugares a capacetes laranjas. Havia chegado o Choque. Um policial com um cachorro na coleira veio em minha direção, no momento a câmera apontava o camburão, ao som progressivos dos latidos, a imagem faz uma *pan* para a direita e percebe-se que o policial soltava a coleira do animal para que desse investidas contra, que no caso era da raça Rotweiller. O animal quase mordiscou minha lente quando percebi. E fui me afastando. Mas acaso ou não entrei ao lado da formação tática do Choque. Pode se ver, em quadro, um grande número de policiais enfileirados, com o mesmo policial e seu cachorro atrás. E ele gritou para o tenente que eu estava ali gravando eles havia um tempo. E só por essa justificativa, quatro policiais avançaram em direção da câmera, o capacete do tenente ocupando quase todo o quadro, e me empurrando contra a parede dum desses trailers de lanche de rua e pediram minha identificação de imprensa. A câmera ligada o tempo todo, dando a visão na diagonal do pescoço do tenente desfocado. A única coisa que me veio a mente foi debilmente dizer que eu era da imprensa livre, o novo termo que estava sendo usado em todo tipo de manifestação. Um amigo meu então apareceu e gritou que estava gravando a ação policial, e eu tampouco havia desliado a câmera, mas se esse amigo meu ali não estivesse não sei o que se sucederia. E os policiais me mandam embora. A câmera se afasta, mas novamente para em frente ao pelotão do Choque. O tenente sai de trás dele e mais uma vez vem até a mim. Eu digo estar em via pública, mas ele alega que eu estava atrapalhando o trabalho técnico da Brigada Militar. E o Choque avança, sob gritos de “passa por cima!”. Eu me afasto, e o enquadramento da rua toda é feito. Não tem ninguém por perto fora a tropa que avança solitária em sua marcha de supressão. No dia seguinte editei um vídeo do acontecido e subi no site *YouTube*.

Concluo, deixando aqui alguns dos comentários deixados na página do vídeo, em ordem cronológica:

“Deveria ter prendido por desobediência.”; “A Brigada era pra ter sentado a porrada nesse desobediente, nenhum soldado tem visão de Raio-X pra saber se ele não tem uma bomba ou arma escondida ao se aproximar.”; “pagando notinha de reporter, ahahaha, o imprensa livre , vai toma no seu c.. , vai tomar pedrada na cabeça seu troxa, pq nao filmou as pedradas que deu inicio pra isso seu trouxa!!! exercicio ilegal de profissão é crime , deu sorte de não ter ido preso BABACA!! IMPRENSA LIVRE HAAA ESSA É BOA MESMO!!!” ; “porrada,manifestante de verdade não esconde a fuça,parabens brigada militar,tem que sentar o cacete!”;

“sentar o cacete o caralho! Pensa bem antes de abrir a boca pra falar alguma coisa. Tinha muitos ali que não tava fazendo nada e acabaram levando. Chega da midia monopolizar e fazer lavagem cerebral na população. Ato desprezível da policia totalmente despreparada, que só usa da violencia. Abaixo a Burguesia !!!!”; “tem que levar porrada , e se tu dono do video nao levou tambem é pq teve sorte fdp, se tivesse manifestado na boa nao teria apanhado!”; “que despreparo dos policiais, da pra perceber que que eles estão nervosos pra caramba.”; “Trabalho técnico...estavam eram correndo pra lá e pra cá...pareciam muito tensos, pra não dizer com medo...parece o tempo da ditadura, não dá nem pra filma...que horror !”

Considerações finais

Chegamos num ponto de democracia em nossos país que praticamente todos os argumentos são válidos. Um ponto positivo e propositivo. Nas próprias manifestações percebemos que não apenas a esquerda tem ido às ruas. O palco democrático se concretiza. Porém parece-me que com a o crescimento da pluralidade de identidades, uma leva também cresce. Uma leva velha conhecida e velha inimiga da democracia. Uma leva composta por totalitaristas e fascistas.

Esse grupo cresceu como reflexo dessas manifestações de Junho de 2013. Se o que vimos nas redes virtuais foi estarrecedor - no sentido dos absurdos proferidos por grande escala da população - um ano após, nas eleições presidenciais de 2014, pudemos ver o virtual transpassar essa barreira e chegar à realidade, com centenas de pessoas indo novamente às ruas pedindo a volta, por exemplo, de uma ditadura militar. Mas supera-se a realidade pelo fato de agirem conforme dita o simulacro. O mundo parece seguir a lógica de massas virtuais. O inconsciente coletivo agora dá lugar ao consciente virtual coletivo.

As pessoas tem tomado por verdade o que é livremente compartilhado em redes sociais e proferindo essas “verdade” também como se fossem verdade. O simulacro tem dado preguiça ao pensar na realidade. Por ser mais confortável, por ser mais fácil e por ser mais rápido. Obviamente que isso a uma parcela que ainda não é maioria da população brasileira ou global. Estaria a leitura – por vias de fato, virtual ou física - sendo abandonada no mundo, pela ânsia humanamente atroz por velocidade ao acesso de informações? A tecnologia nos permite alcançar conhecimentos a cada dia mais amplos. Alcançamos quase a plenitude da informação disponível a todo momento a quem quiser. Mas o problema está justamente em quem a dispõe, por que a dispõe e quem a quer e por que a quer. Numa horda de seres humanos - já nascidos na era da tecnologia, na era da internet, da informação a tempo real - tão controlada por esses simulacros da vida, que recolhem informações pessoais de cada usuário para distribuir a empresas que tem interesse no poder de compra de cada um deles,

tem-se que ter um mínimo de cuidado ao que se é oferecido. Nem sempre o que é mais fácil é confiável, já bem se entende isso.

E ao vermos manifestações físicas serem chamadas virtualmente, ou sendo feitas nas ruas, mas em prol de um status virtual, é no mínimo assustador o rumo que essa nova lógica de pensamento pode tomar. O rumo totalitarista, o rumo fascista e impensado. E não é nossa culpa, entretanto. A sede pelo conhecimento geral em menor tempo, nos apunha-la pelas costas sem mesmo percebermos. Estamos dando um rumo curioso, porém receoso a nossa história, justamente por estarmos vivendo mais tempo com as vistas viradas a esses simulacros do que atentos a vida a nossos entorno. Mas não só as vistas, mas como o interesse também. O interesse político, econômico, midiático e de controle.

De forma a não generalizar, a grande maioria ainda discerne o espetáculo, o controle, do uso de forma natural e sem do simulacro. Mas e quem cresce e nasce submerso a essa cultura digital? Como pode reagir a essa bomba de informações, hora nos dizendo “isso”, hora nos dizendo “aquilo”? São dúvidas que agora minimamente recorrem ao vermos esses fatos expostos pela face das manifestações brasileiras de Junho de 2013 e que afloram com o desenvolvimento dessa pesquisa. O novo uso do aparato tecnológico, uma vez em que ele próprio (através do simulacro) supera as relações humanas. Seja pelo acesso de mídias sociais (virtual), que acabaram por dar o tino dessas manifestações (reais). Ou ainda pelo uso de câmeras, smartphones, etc., como forma de expressar sua própria defesa pessoal. E até mesmo o próprio uso por parte do controle do estado, da polícia. No que transformou-se a câmera? O que seu simulacro pode alterar, ou ainda, reiterar a realidade? São novas questões que surgem pelo endossamento do corpo dessa pesquisa, que possam vir a ser respondidos em pesquisas futuras.

Essa finaliza aqui, com o levantamento de que através de nossa inteligência expansiva dominamos a tecnologia de forma extraordinária para os mais variados segmentos de nossas vidas. Entretanto ainda não dominamos seu uso apropriado. O despreparo pelo uso excessivo da mesma está deixando nossos próprios aparatos tecnológicos, virtuais ou simulacros passarem a frente de nossas realidades. E justamente por isso estamos perdendo a noção da mesma? Entretanto ainda estamos em tempo de manter o controle sobre o simulacro por sermos animais inteligentes, providos de sensibilidade, providos de natureza. Talvez ainda voltemos, um dia, a olhar novamente para nós mesmo. E talvez um dia ainda nos enxerguemos em meio a essa nova cortina de fumaça - apelidada carinhosamente de *cloud* – que estamos criando sobre nossas cabeças, pois os pés ainda não deixaram o chão. E assim espera-se que por um longo tempo.

Referências

AUMONT, Jacques. A Imagem. 16ª ed. Campinas, SP. Papirus, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro. Zahar, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulações. Lisboa, Portugal. Relógio D'Água, 1991.

[DAVID, Harvey ...et al.]. Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2012.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Contraponto.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2006.

JAGUARIBE, Beatriz. O choque do real: Estética, Mídia e Cultura. Rocco, 2007.

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia. - 3.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

[MARICATU, Maria ...et al.]. Cidade Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo. Boitempo: Carta Maior, 2013.

MELLO, Christiane. Extremidades do Vídeo: novas circunscrições do vídeo. 2004.

OSBORNE, Peter. "Modernity Is a Qualitative, Not a Chronological, Category: Notes on the Dialectics of Differential Historical Time". In *Postmodernism and the Re-reading of Modernity*, editado por Francis Barker, Peter Hulme, and Margaret Iversen. Essex Symposia, Literature, Politics, Theory. Manchester: Manchester University Press. 1992